

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CILGAS, 24 — TELEFONE 39
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 161 — Domingo, 8 de Julho de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12
Depositarário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

CONTINUIDADE DE ACÇÃO



PROF. DR. OLIVEIRA SALAZAR

POR muito que se tenha dito e escrito sobre a extraordinária personalidade do eminente professor que há vinte e quatro anos — completos na passada quinta-feira — chefia o Governo da Nação, muito ficará ainda por dizer sobre todas as facetas que constantemente nos revela — como homem, como pensador, como governante — o génio de Salazar.

Considerado internacionalmente como um dos políticos mais sagazes de todos os tempos e uma das mentalidades mais esclarecidas da nossa época, este Português, que, dentro dos limites das nossas fronteiras, desde as margens do Tejo às velhas fortalezas da Índia, operou, num quarto de século, uma das mais notáveis revoluções da História, tem sabido incarnar, com singular grandeza, no concerto das Nações, o espírito e a alma do velho e glorioso Ocidente.

No plano nacional, a nota mais saliente da sábia política de Salazar está na continuidade de acção que, longe de revelar o cansaço ou o natural desgaste que não poupam homens nem instituições, encontra no próprio regime e na doutrina que o inspira as forças renovadoras e revitali-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

OS DESCOBRIMENTOS MARÍTIMOS

MORTE DESASTROSA DE NUNO TRISTÃO

E A CHEGADA DE ALVARO FERNANDES À SERRA LEOA

GOMES Pires, quando os componentes da frota de que era chefe Lançarote de Freitas retiravam da sua primeira operação triunfante, discursou e disse que, sendo grande o desejo de D. Henrique receber mais convincentes notícias da terra dos Negros e principalmente do rio Nilo, entendia que se deviam empregar os maiores esforços para que o nobre infante ficasse satisfeito.

Lançarote, inflamado em zelo de bem servir a pátria e quem a governava, exclamou, com o maior ardor, ser esse também o seu desejo. Alvaro de Freitas explodiu com o mais ardente entusiasmo que estava pronto a seguir Lançarote até ao Paraíso Terreal, se tanto fosse necessário, para honra do infante D. Henrique.

Aderiram logo à sugestão de

CULTURA POPULAR UMA COLECCÃO DE GRANDE VALOR CULTURAL

POR ANTERO NOBRE

COMO há muitos anos faço, ainda que mais não seja para deitar uma «vista de olhos» pelas «novidades» (e pelas «antiquidades», que é o que, com mais fartura, lá se vê sempre...), já que os livros, hoje em dia, andam por um preço tal que os amadores de boas leituras têm, em regra, de se contentar com ler as lombadas nos escaparates das livrarias, — não deixei de ir, este ano também, à «Feira do Livro», que durante quinze dias animou desusadamente os «Restauradores». Mas, desta vez, «enfeirei» e «à grande»: adquiri os volumes que me faltavam, na maioria agora aparecidos, daquela magnífica Colecção Educativa da Campanha Nacional de Educação de Adultos, de que já uma vez falei algures aos meus prezados leitores algarvios. Foram mais cerca de uma dezena de volumes a enriquecer a minha pequena biblioteca, e precisamente dos mais baratos de toda a «Feira» (volumes de 350 páginas a...

5\$00 e com 10% de desconto!), embora, valha a verdade, sem exagero de qualquer espécie, exactamente também dos melhores que por lá havia. E apesar de não ter terminado ainda a leitura daqueles vinte primeiros volumes da mesma Colecção, que mão amiga, generosamente, há tempo me enviou, não resisti a começar a ler imediatamente os que adquiri agora; e também não resisto a vir já chamar para alguns deles a atenção dos que têm a paciência de ler os «arrazoados» com que, de longe em longe, venho roubar espaço e forçar a benevolência deste jornal.

Dois daqueles volumes, sobretudo, prenderam logo a minha atenção, ao ponto de, pode dizer-se, os ler «de um fôlego», um na própria tarde em que os compreí, outro pela noite que se lhe seguiu adiante, num serão que, por sinal, resultou encantador, porque a ele quisera associar-se, como ouvintes e coadjuutores na leitura, minha mulher e os meus filhos mais velhos.

Trata-se da «Vida do Santo Condestável Dom Nuno Álvares», de Henrique Barrilero Ruas, e de «Naquele tempo», do padre Manuel Ferreira da Silva; dois trabalhos que muitos, sem os lerem, poderão talvez considerar de somenos, não só pelos respectivos temas andarem por aí desenvolvidos em algumas obras de grande envergadura e sobejo primor, como também por serem incluídos numa Colecção destinada fundamentalmente à iniciação cultural de adultos recém-alfabetizados, mas que, embora escritos em estilo e linguagem apropriados à compreensão daqueles, são, em verdade, duas belas obras, com real «categoria» nas «Letras» nacionais e destinadas a uma larga repercussão, tanto entre os beneficiários da Campanha de Educação Popular como entre quantos,

mais cultos, não desdenham a revitalização constante das bases portuguesas da sua cultura, o revigoramento do seu civismo e o fortalecimento da sua Fé de cristãos. Porque o primeiro, embora seguindo nas suas linhas gerais a «Crónica do Condestável» (autor anónimo do século XV) e usando, mesmo, com frequência, a transcrição de passos da «Crónica» (D. João I) de Fernão Lopes, foi delineado e escrito com todo o «ar» e na linguagem, a um tempo singela e elevada, dos contos populares tradicionais e procurando sugerir, de princípio ao fim, mas de forma tão natural que nem parece intencional, a ideia e o sentimento da independência e da grandeza pátrias, — e ficou, assim, uma das mais curiosas, até das mais belas, biografias do nosso Herói máximo que têm sido publi-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

CASA DO ALGARVE

A DIRECCÃO da Casa do Algarve aprovou, por unanimidade, na sua última reunião, duas propostas do representante do concelho de Loulé no seu Conselho Superior Regional, eng. geógrafo dr. José António Madeira, a primeira no sentido de se testemunharem ao ilustre presidente da Câmara Municipal daquele concelho, sr. dr. Maurício Monteiro, e a toda a verificação, os mais entusiásticos votos de louvor e apreço, pela recente criação, na sede do dito concelho, de uma biblioteca e de um museu de características regionais, como medidas de inestimável interesse para a continuidade da valorização cultural do Município, e a segunda com vista à execução do voto do II Congresso Regional Algarvio, exarada em 1951, sobre um valioso trabalho «Um Jardim-Escola na terra onde nasceu João de Deus», da autoria do dr. Maurício Serafim Monteiro, com aprovação unânime da sugestão nele apresentada de que «cada criança das escolas de todo o País, ou somente do Algarve, se subscrisse no dia 8 de Março, data do nascimento de João de Deus, com uma quantia, pequena ou grande, para essa justa consagração».

A Direcção já está enviando as diligências necessárias, com a sua Comissão Cultural, para o possível pagamento de tal dívida em aberto.

Na mesma reunião foi deliberado autorizar as Comissões Cultural e de Festas a organizar o «Grupo Dramático da Casa do Algarve», convidando-se, por isso, a inscreverem-se no mesmo Grupo todos os actores, declamadores, cantores e músicos algarvios que desejarem dar-lhe a sua colaboração. Projecta-se a realização de espectáculos públicos, de sabor regional algarvio, nos teatros de Lisboa e do Algarve.

DOCA DE PESCA

No dia 2 do corrente, chegou a esta vila, rebocado pelo rebocador «Golfinho», o batelão «Paredo», o qual transportava o primeiro material para a construção da nossa doca de pesca, com o peso total de 200 toneladas.

CRÓNICAS DO TEMPO MORTO

ERA um indivíduo um tanto estranho, um tipo original. Era um homem um tanto esquisito. Não me refiro, evidentemente, à indumentária. Vestia como todos nós e a sua originalidade ou esquisitice, como quisessem, não residia nas aparências. Magro, o cabelo branco, mãos longas e nervosas, o rosto escavado, olhos encovados, não era a fragilidade da sua complexão que nos impressionava, mas antes a inquietação, o nervosismo, uma espécie de impaciência nadando na luz imprecisa do seu olhar. Dir-se-ia que os seus nervos eram cordas frágeis, sempre a vibrar num estremecimento que apavorava.

Pesadelos, angústias, talvez remorsos, tudo se desenhava naque-

COMPARTICIPAÇÕES PARA MELHORAMENTOS PÚBLICOS NO ALGARVE

Pelo sr. ministro das Obras Públicas, foi concedida, pelo Fundo do Desemprego, à Câmara Municipal de Alcoutim, para a construção dum cemitério na freguesia de Martinlongo, a comparticipação de 20.000\$. Igualmente, foi concedida à Câmara Municipal de Faro, uma comparticipação da importância de 75.000\$00, destinada aos trabalhos de conveniente abastecimento de água à importante aldeia de Santa Bárbara de Nexe do mesmo concelho.

PELO MAJOR SOUSA NUNES

naga, donde lhe ficou o nome de Senegal.

Seguíram ao longo da costa do Sará. Depois de terem muito navegado, passaram uma grande floresta de palmeiras, para além da qual notou Dinis Dias que da terra vinha um aroma activo a verdura o que lhes mostrava terem já abandonado o Sará.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

CARTA DE LONGE

MACAU

CIDADE DO SANTO NOME DE DEUS

NÃO HÁ OUTRA MAIS LEAL

Por J. DE CARVALHO E RÊGO

MACAU, terra de consagrações, homenagens, recepções, inaugurações, beberetes, discursos laudatórios, «coktails», escritos elogiosos, jantares e fotografias, com todas as suas virtudes e pecados, é, sem dúvida, uma das mais lindas cidades do império lusitano. O seu nível de vida, a amenidade do seu clima, as suas belezas naturais, o ambiente de sos-

sego e de paz que aqui se disfruta, e, ainda, as facilidades que se encontram para solucionar todos os contratemplos que em toda a parte surgem a embarçar a vida, tornam este cantinho português, no Extremo-Oriente, um verdadeiro oásis, único no mundo.

A vida em Macau, nestes últimos tempos, tem decorrido, alegre, divertida e sem acidentes dignos de nota. E apesar da grande crise económica e financeira que a província atravessa, todos aguardam, confiados, a vinda de melhores dias.

A população chinesa, acolhedora, ordeira e laboriosa, é, sem dúvida, a detentora do progresso que ainda se verifica no comércio, na indústria e noutras manifestações de actividade, em que o elemento chinês se

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)



A lota desta vila num dia de pesca

EXCEDEU 36.000 CONTOS o valor do pescado

VENDIDO NA NOSSA LOTA DESDE ABRIL

NA presente temporada de pesca, durante o período compreendido entre 6 de Abril e 29 de Junho transacto, a lota desta vila acusou valores sensivelmente elevados, que talvez tivessem constituído um «record» nesta actividade. Assim, a sardinha e

biqueirão vendidos à indústria de conservas totalizou, nesse período, 26.697.846\$00.

De atum e similares da costa algarvia, num total de 2.248 peixes, o rendimento da venda foi de 4.279.725\$90, a que há ainda a juntar peixe diverso, no valor de 106.208\$00.

Quanto ao atum e similares da costa marroquina, para cuja importação a indústria de conservas local precedentemente firmara contratos, na previsão duma possível falta de peixe nesta costa, os números apurados (não oficiais) dão-nos um total de 4.859 pei-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

CONCURSO DE FOTOGRAFIAS

EM VISEU

A Comissão Municipal de Turismo de Viseu, a que preside o distinto advogado, nosso querido amigo e prezado assinante, sr. dr. António de Figueiredo da Costa Faro, promove, nos dias da Feira Franca, que vai realizar-se brevemente naquela cidade, uma Exposição de Fotografia, a que podem concorrer todos os amadores.

Os mais classificados serão distinguidos com valiosos prémios. Todas as informações devem ser pedidas à Comissão Municipal de Turismo de Viseu.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA A QUARTEIRA

A Câmara Municipal de Loulé foi autorizada a contrair na Caixa Geral de Depósitos um empréstimo de 150.000\$00, para o fim exclusivo de aquisição de contadores para o serviço do conveniente abastecimento de água à magnífica praia e povoação de Quarteira.

JOSÉ DOS SANTOS MARQUES, APRESENTA:

MOMENTO CULTURAL

“O QUE É A UNESCO”

PREFÁCIO

A CIVILIZAÇÃO tem na cidade a sua expressão geográfica. O homem disperso nas regiões de cultura, ou isolado nas zonas de extracção, está, economicamente, subjugado pelas tarefas produtoras da riqueza; e, socialmente, ligado ao seu semelhante por relações elementares e demasiado familiares. Não dispõe, por isso, nem do ócio que facilita o chamado espalçar do espírito, nem do estímulo que resulta dos contactos social e economicamente diversos e até opostos, que se propiciam nos grandes centros.

Nunca a Civilização floresceu nos campos de economia fechada, em que as populações se bastam a si próprias. Mas sempre encontramos nos centros cosmopolitas a mais brilhante expressão da riqueza material e cultural dos povos, acumulada através da ex-

periência milenária da humanidade.

E na cidade, com efeito, que se armazenam as riquezas produzidas num território, é aí que elas se trocam por aquelas outras que o território não produz e que têm de ser atraídas doutras regiões distantes onde abundam, para bastar a população local. Do empório comercial resulta uma vasta

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Junta Autónoma dos Portos de Barlavento do Algarve

Foram nomeados presidente e vice-presidente da Junta Autónoma dos Portos do Barlavento do Algarve, os srs. José de Abreu Pimenta e José Mendes Furtado, nossos prezados amigos e assinantes em Lagos e Portimão, respectivamente.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o sr. António Passos de Lima, nosso pregado amigo e assinante, residente em Mértola.

Com pouca demora, esteve nesta vila, tendo já retirado para Lisboa, onde reside, o nosso pregado amigo e assinante sr. Augusto Valente Parreira.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa Redacção, o nosso pregado assinante sr. professor António H. A. Rufino, residente em Odeleite.

Retirou para Vila Franca de Xira o nosso pregado amigo e assinante sr. João Travassos de Brito, funcionário do Banco Nacional Ultramarino.

Encontra-se nesta vila, de visita a seus pais, vindo de Londres, o sr. João Manuel Abecasis Corrêa filho do nosso pregado amigo sr. Manuel Corrêa.

Encontra-se nesta vila, de visita a sua família, o nosso pregado amigo sr. Manuel Caldeira, nosso assinante em Lisboa.

Vindo de Huelva, onde reside, encontra-se nesta vila o nosso estimado amigo e assinante sr. dr. José Ortigão Gomes Sanches.

Regressou de Lisboa, onde esteve de visita a sua família, a sr.ª D. Maria Carolina de Brito Neves.

Encontra-se em Lisboa, onde foi convidado a executar serviços de pintura o nosso conterrâneo e pregado assinante, sr. José Alberto Leiria.

De visita a seus pais encontra-se nesta vila a sr.ª D. Leonilde Pinheiro Santana Silva, acompanhada de seu filho António Manuel.

De visita a sua mãe, sr.ª D. Maria José do Carmo, encontra-se nesta vila acompanhado de sua esposa e filha, o nosso pregado conterrâneo sr. Artur Guerreiro do Carmo.

Encontra-se nesta vila, de visita a seus avós, o nosso pregado assinante sr. José Pedro do Nascimento Delgado, residente em Portimão.

Acompanhada de seu esposo, encontra-se em casa de seus pais a sr.ª D. Amélia Garcia de Carvalho nossa assinante em Lisboa.

De visita a sua família, esteve nesta vila, a nossa pregada assinante sr.ª D. Maria do Rosário Borges de Sousa, residente em Olhão.

Pedido de casamento

Pela sr.ª D. Silvina Rodrigues Davim Lyster Franco e seu esposo, sr. dr. Mário Lyster Franco, illustre director do nosso pregado colega de Faro, «Correio do Sul», para seu filho, o sr. arquiteto Gonçalo Davim Lyster Franco, foi pedida em casamento, em Lisboa, a sr.ª D. Maria Leonor Delgado da Silva Alves Fernandes, também distinta architecta, gentil filha da sr.ª D. Ilda Delgado da Silva Alves Fernandes e do sr. tenente-coronel engenheiro Teodoro Alves Fernandes.

O casamento deve realizar-se no próximo mês de Agosto.

Casamentos

No dia 30 do mês findo, realizou-se, na Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Encarnação, desta vila, o casamento da sr.ª D. Maria Júlia Baptista, filha da sr.ª D. Ana Assunção e do sr. João Baptista, já falecido, com o sr. Alexandre da Purificação Libório, filho da sr.ª D. Glória da Purificação Alexandre e do sr. António Libório.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Cremilde da Rosa Ferreira e seu esposo, sr. José Ferreira, e por parte do noivo, seus tios, sr.ª D. Mariana da Conceição Padesca e seu esposo, sr. Alvaro do Carmo Padesca. Ao novo casal desejamos muitas felicidades.

Celebrou-se no passado dia 31 de Maio, na Igreja da Madre de Deus, em Lisboa, o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Carapeto de Sousa Ramos, filha da sr.ª D. Judite de Brito Carapeto Ramos e do sr. tenente João Mendes de Sousa Ramos, com o sr. Fernando da Silva Carvalho, filho da sr.ª D. Maria de Jesus da Silva Carvalho e do sr. Joaquim Henriques de Carvalho.

Foram padrinhos por parte da noiva, seus primos dr.ª D. Mariana Carapeto dos Santos Patrício e dr. Luis Patrício, e por parte do

ELEMENTOS ESCLARECEDORES

PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Cortiças e conservas As transacções de cortiças têm estado desanimadíssimas, mas podemos informar os nossos leitores de que a situação vai sofrer uma importante melhoria. As nossas exportações nos primeiros quatro meses deste ano, de cortiça não manufacturada, totalizaram 34.227 toneladas, no valor de 260.260 contos. Os maiores compradores foram: de aparas, a América do Norte, com 11.911 toneladas; de prancha, a França, Japão, Alemanha e Rússia, respectivamente, com 2.008, 1.273, 982 e 927 toneladas. Enquanto o Japão pagou pela cortiça 12.449 contos, os russos, que levaram um volume muito menor, pagaram 17.225 contos. A Argentina, cliente muito interessado, apenas adquiriu 369 toneladas, o que perturbou o mercado. De refugio, o maior comprador foi a América do Norte, com 1.675 ton.; de serradura, o Reino Unido, com 1.044 ton. e de cortiça virgem, a Dinamarca, com 334 ton. No que respeita a cortiça em obra, a exportação totalizou 9.753 ton.; no valor de 229.639 contos. Os principais compradores, por tipos, foram: Reino Unido, 1.978 ton. de aglomerados; e 235 ton. de discos, e Alemanha, roilhas, 461 ton. Também foram bons compradores de roilhas o Reino Unido, a França e a América do Norte.

Quanto a conservas de peixe, saíram do País, nos

CAMPANHA NACIONAL de Educação de Adultos

No dia 28 do mês findo, realizou-se, na Escola Masculina — desta vila, uma sessão solene, a qual foi presidida pelo sr. Aurélio Machado, em representação do Município, tendo assistido todos os agentes de ensino do concelho. Em primeiro lugar, usou da palavra o sr. professor Caldeira Alexandre, delegado escolar do concelho, que fez uma breve análise sobre as causas do analfabetismo no País e o que se tem feito na Campanha. Terminou a sua pequena palestra agradecendo a todos o esforço dispendido nesta luta humanitária e incitou-os a prosseguir, como até aqui, pois enquanto existisse um português iletrado era dever de bom cidadão português sacrificar-se para que os seus compatriotas analfabetos fossem arrancados às garras desse cancro da sociedade, o analfabetismo.

Encerrou a sessão o representante da Câmara Municipal, que agradeceu a todos os que têm trabalhado na Campanha, em nome do povo do concelho, o seu esforço que tantos frutos tem dado, afirmando que podia contar com o auxílio da Câmara nesta luta que acabará com a extinção do português analfabeto.

GRUPOS DE REGA

Wisconsin - Continental - Nacional

Desde Esc.: 3.800\$00

Totalmente blindados

MECANICA SIMPLES

— ROBUSTOS —

Os mais económicos em

óleos e combustíveis

RENDIMENTO MÁXIMO

Para o seu caso consulte a:

Agência Comercial

e Marítima do Sul

— Telefone 78 —

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

noivo, seus tios, sr.ª D. Rita Martins da Costa Carvalho e sr. Antero Fiozel Henriques de Carvalho.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o Norte do País.

quatro meses citados, 12.939 ton., no valor de 207.156 contos. De atum exportaram-se 329 ton., no valor de 7.627 contos, tendo sido os principais interessados a Itália e a Venezuela. O maior comprador de sardinhas foi a Alemanha, com 2.381 ton., no valor de 35.794 contos, seguindo-se o Reino Unido, a Itália e a América do Norte, respectivamente, com 1.409, 1.024 e 585 ton.

O principal comprador de anchovas, como sempre, foi a América do Norte. Adquiriu 769 ton., no montante de 22.258 contos. Seguiram-se, a Suíça, com 76 ton., o Canadá e o Reino Unido, com 39 ton. cada e a Itália, com 37 toneladas.

A Noruega comprou-nos 375 ton. de óleo de Sardinha, no valor de 1.916 contos.

O nosso valor piscatório Teremos presente a estatística de pesca referente ao mês de Maio dimanada do Grémio dos Armadores de Pesca da Sardinha. Por ela se verifica que Vila Real de Santo António pescou nesse mês 11.477 contos, mais de metade de toda a pesca capturada na nossa costa, que totalizou 21.571 contos. O porto que depois de nós maior rendimento obteve foi o de Matosinhos, com 3.138 contos, seguindo de Peniche, com 2.405 contos. Lagos, Portimão e Olhão capturaram, respectivamente, 48 contos, 126 e 119 contos. O mais alto valor da sardinha no Algarve, como de costume, registou-se no nosso porto, onde a média alcançou 7\$07, por quilo, seguindo-se Portimão, com 6\$80, Olhão, com 5\$93 e Lagos, com 3\$25. Só na Ribeira Nova se registou valor superior ao do nosso porto, pois ali a sardinha cotou-se a 7\$40, o quilo.

Em todos os outros portos a média foi inferior à de Vila Real de Santo António. Como é de calcular e como também já é habitual, as descargas foram morosas, em consequência da falta da doca de pesca. No mês findo alguns barcos carregados de biqueirão estiveram oito horas à espera de serem descarregados. Os únicos portos que capturaram biqueirão foram: o nosso: 1.378.040 quilos; Olhão, 6.768 e Matosinhos, 800 quilos.

Depois destes números que não podem deixar de impressionar e que revelam o valor piscatório do nosso porto, valor que cresce de ano para ano, ficamos a pensar como é possível que sejam criados embaraços ao seu natural desenvolvimento. — J. B.

BOTAS DE FUTEBOL

Vendem-se 9 pares de botas de Futebol, em bom estado.

Tratar com Rui Martins — Vila Real de Santo António.

GRUADA

Precisa-se. Informa-se na Rua João de Deus, n.º 18 — nesta vila.

PROVINCIA

TAVIRA

Luz eléctrica

A energia eléctrica que Tavira consome é fornecida, há anos, pela Aliança Eléctrica do Sul, com sede em Olhão. Consta que, pelo facto de a Câmara de Tavira ainda não ter feito o contrato com aquela empresa, a mesma está na disposição de cortar o fornecimento, se o referido contrato não for efectuado em breve. Estamos certos de que se conseguirá evitar tal estado de coisas, mas bom igualmente seria se Tavira, a exemplo de outras terras, tivesse a sua central eléctrica a funcionar, pois para uma falta de emergência sempre serviria.

Que sirva de exemplo o caso de Vila Real de Santo António, que conseguiu montar a sua central privativa.

Santos populares

Este ano, não sabemos por que fenómeno, passaram quase desper-

Estudos Algarvios

A Direcção da Casa do Algarve deliberou, na sua última reunião, autorizar a respectiva Comissão Cultural a promover a distribuição dos dois primeiros números, já publicados, da sua colecção de «Estudos Algarvios», sob os títulos «Sages e o Infante» e «Património Cultural Árabe-Algarvio», respectivamente, da autoria do major Mateus Moreno e dr. José D. Garcia Domingues.

Esta colecção está organizada de forma a constituir, no final, uma completa monografia do Algarve. Apenas aos assinantes directos a Casa do Algarve poderá garantir, porém, a imediata distribuição de todos os números que se forem publicando.

Quem perdeu?

No posto da Polícia de Segurança Pública, desta vila, encontram-se depositados: um relógio de pulso e uma certa importância em dinheiro, que serão entregues a quem provar pertencer-lhes.

CASAS

Vendem-se 3, sendo uma vaga, na Rua Oliveira Martins. Nesta redacção se informa.

AGUA PURA

Só a conseguirá comprando um filtro alemão PURIFY na

Agência Comercial e Marítima do Sul

TELEFONE 78

Vila Real de Santo António

SETUBAL
VENDM: ILIDIO PANINHO, LDA.
ENTREGA IMEDIATA
PARA TODOS OS TIPOS DE LATAS
GRAVADEIRAS

V. Ex.ª val a Évora?

Visite a PENSÃO POLICARPO. Confortáveis quartos. Águas correntes quentes e frias no 1.º andar. Excelente serviço de mesa. Recolha privativa de Carros

Rua Freiria de Baixo, 16 Rua Conde da Serra, 9, 11
TELEFONE 2424 ÉVORA

AGÊNCIA VIEGAS de EMILIANO DA CONCEIÇÃO VIEGAS

A MAIS ANTIGA DA VILA Rua Teófilo Braga, 77

Caixões e urnas com todos os pertences Funerais modestos e luxuosos

PANO DE RESPEITO

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

FUNERAIS PARA TODOS OS PREÇOS

Chamadas a qualquer hora da noite, rua Eça de Queirós 23 - 25

AGENDA

MOVIMENTO DA LOJA de Vila Real de Santo António De 30 de Junho a 6 de Julho:

TRAINEIRAS

Triunfante	172.350\$00
Audaz	164.360\$00
Aldita	149.670\$00
Rajada	149.490\$00
Brisa	145.930\$00
Deolinda Rita	112.325\$00
Levante	109.470\$00
Tufão	108.150\$00
Agadão	104.550\$00
Leste	97.950\$00
Maria Rosa	97.620\$00
Janita	91.490\$00
Pérola do Guadiana	87.920\$00
Novo S. José	87.720\$00
Boreal	86.480\$00
Tozé	71.410\$00
São Torquato	61.910\$00
Flor do Sul	58.600\$00
Sul	53.710\$00
Raulito	50.340\$00
Infante	45.680\$00
Lenita	44.400\$00
Flor do Guadiana	42.620\$00
Liberta	21.550\$00
Pingim	21.340\$00
Ramira	15.280\$00
Alvarito	14.970\$00
Sete Estrelas	12.310\$00
Sever	12.090\$00
Restauração	11.380\$00
Salvadora	10.990\$00
Noroeste	10.590\$00
Oeste	7.365\$00
Sol Nascente	5.600\$00
Jomanel	3.270\$00
Total	2.340.880\$00

CERCO

Amazona 80.960\$00

Atum da costa Algarvia

251 Atuns	326.225\$10
30 Atuarros	23.791\$70
5 Albacoras	2.466\$70
1 Cachorreta	298\$30
27 Pargos	990\$30
1 Bonito	73\$30
Total	353.845\$10

Atum da costa de Marrocos

Larache, 159 Atuns, com 4.177 kgs.

MOVIMENTO DE NAVIOS NO PORTO de Vila Real de Santo António De 29 de Junho a 6 de Julho:

Entrados:

LAUPEN, Suíço, de 468 ton., de Agadir, com carga em trânsito.
STARLING, Inglês, de 1.356 ton., de Bristol, com folha de flandres.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
GOLFINHO, Rebocador Português e o Batelão «Paredes», de 261 ton., de Peniche, com material para a doca de pesca.
LAVEROCK, Inglês, de 1.209 ton., de Alger, com carga em trânsito.
SÃO MACÁRIO, Português, de 1.039 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.
LAUPEN, Suíço, para Génova, Livorno e Marselha, com conservas, cortiça e amêndoas.
STARLING, Inglês, para Bristol, com conservas.
GOLFINHO, Rebocador Português e Batelão «Paredes», para Tavira, vazio.
LAVEROCK, Inglês, para Dublin e Bristol, com alfarroba.
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.
SÃO MACÁRIO, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 7 a 13 de Julho, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

NÃO HOSIETE

são as oficinas gráficas que V. Ex.ª deve preferir para a confecção dos seus impressos e carimbos

Telefone 59 Apartado 3

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ARRENDAR-SE

Horta, terra de semear e parte de habitação, no sítio da Altura do Sul. Trata — M. C. FIRMINO.

Papel Vegetal

Vende, como em Lisboa, aos melhores preços, Clemente & Filhos, Lda., Telefone 92 — Vila Real de Santo António.

Para serviços de responsabilidade preifra sempre a

SERRALHARIA DE
JOSÉ VALENTIM RODRIGUES e
ROSA DE JESUS MATOS MACHADO
 SOLDADURAS A AUTOGENIO
 Rua dos Centenários, 26
VILA REAL DE SANTO ANTONIO

AGÊNCIA PATROCÍNIO
 Rua Conselheiro Frederico Ramirez, 42-44
 Viuva e filhos de Manuel Francisco Patrocínio fazem saber a todos os seus clientes e amigos que a casa continua aberta com carpintaria, marcenaria e agência funerária

MÓVEIS AVULSO E MOBÍLIAS COMPLETAS
FUNERAIS MODESTOS E LUXUOSOS
 Chamadas a qualquer hora, na Rua Eça de Queirós, n.º 17 e na Rua Oliveira Martins, n.º 35
VILA REAL DE SANTO ANTONIO

MERCEARIA NOVA
 DE
JOSÉ BENTO DE SOUSA E FILHO
 Rua Barão do Rio Zezere, 19—VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Acaba de receber um lindo sortido de louças e vidros das melhores qualidades
VISTA ALEGRE, COIMBRA E SACAEM

Nesta casa encontrará V. Ex.ª os melhores Brindes
VISITE E CONFRONTE

Clínica de Santo António
 (CASA DE SAÚDE E REPOUSO)
 sob a Direcção Clínica do
Dr. Albano de Lencastre
 Rua Guilherme Gomes Fernandes
VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Pensão Alentejana
 Largo da Trindade, 16
 Telefone: 23084 LISBOA

Com nova gerência e completamente remodelada, esta pensão situada no melhor local da cidade, dispõe de magníficos aposentos e óptimo serviço de mesa

Preferi-la é ter a certeza de ficar bem servido
 Preços convidativos



FRANCISCO PIÇARRA & C. L. DA
AVEIRO

Construção, transformação e reparação de máquinas eléctricas e seus acessórios, instalações de baixa e alta tensão e em navios

 Sereias para todos os fins
 Motor de c. c.
 Esmerilhadores de c. c.

Telefones 92-714 — Telegramas FRAPIL — Apartado 20



DESPORTO
TORNEIO POPULAR DE FUTEBOL

Proseguiu o Torneio Popular de Futebol, com a realização de mais dois encontros, cujos resultados foram os seguintes:

Guadiana, 2 — Beira-Mar, 1
 Celeiro, 3 — Atlético, 4

GUADIANA - BEIRA-MAR
 Árbitro: José David.

Guadiana: Romeu; Albano, Cardoso e Helder; Gauêncio e José Pedro; Elias, Aleixo, Vitoriano, Alves e Ismael.

Beira-Mar: José Luís; António, Calvino e Célio; Norberto e Pávia; Ulisses, Damião, Mário, Brito e José.

O triunfo do Guadiana só se verificou em virtude da infelicidade dos rapazes do Beira-Mar, principalmente do médio esquerdo, que duas vezes sózinho em frente da baliza fez o mais difícil, não marcar.

A primeira parte terminou sem golos, e na segunda o Beira-Mar colocou-se em vencedor logo de princípio, mas o Guadiana conseguiu marcar duas vezes, por Vitoriano e Ismael, terminando assim em vencedor.

CELEIRO - ATLÉTICO
 Árbitro: José Apolinário.

Celeiro: Leiria; Domingos, Viagas e Nobre; Salas e Ismael; Ezequiel, Gica, Ludgero, Socorro e Nóia.

Atlético: Belo; Arsénio, Rogério e Martins; Feliciano e Modesto; Salvador, Sanina, Renato, José e Carlota.

A vitória do Atlético só foi possível em virtude do mau trabalho realizado pelo árbitro, principalmente na segunda parte.

E' de lamentar que sejam estes senhores a estragar as partidas com as suas decisões nitidamente favoráveis a um grupo, por ser ele o da sua preferência, não se recordando que devem ser imparciais, pois esse é o trabalho que se lhes exige.

Além disso, não se lembram que nada dignificam desta maneira o desporto, e fazem ainda com que os atletas se alterem e hajam depois actos menos dignos, duma partida de futebol. Mas isto de ser sempre o Celeiro a vítima dessas decisões leva-nos a pensar se não haverá má vontade contra este grupo por parte dos juizes de campo, pois foi sistematicamente ao longo de todo o campeonato o mártir dessas más arbitragens.

Mas isto passou e como o que

conta são os números, ou seja o resultado, vamos dar a sua marcha ao longo do desafio: 1-0 para o Celeiro, por Ludgero, resultado com que terminou o primeiro tempo; depois na segunda metade o Atlético colocou-se em vencedor por 2-1 com golos apontados por Renato e Salvador, mas o Celeiro conseguiu tomar novamente a dianteira, com tentos de Socorro e Gica, acabando no entanto o Atlético por marcar mais duas vezes por Renato e Salvador, novamente, terminando assim o encontro, com a vitória merecida do Atlético por 4-3.

PROVA ATLÉTICA DA LÉGUA NACIONAL

Terminadas as eliminatórias locais e as finais distritais, vai realizar-se em Lisboa, hoje, dia 8, a final desta prova, na qual toma parte, para apuramento do campeão nacional, o atleta nosso conterrâneo sr. Marco Aquino Gonçalves, representante do Algarve nesta interessante competição de atletismo, promovida pelo Sport Lisboa e Benfica e pelo jornal desportivo «Record».

III Volta a Portugal EM MOTOS

Organizada pelo Sport Lisboa e Benfica, iniciou-se no passado dia 5 do corrente a III Volta a Portugal em Motos, em que tomam parte alguns destacados nomes do motociclismo nacional.

No dia 6, sexta-feira, começaram a chegar a esta vila, pelas 6,30 horas da manhã, os concorrentes que tomavam parte na Prova Complementar, a disputar na recta da Mata Nacional.

Dentre os 28 concorrentes, e na categoria de maior cilindrada, os 2 Km. lançados foram ganhos por Giordano Ferreira, n.º 24, que fez o percurso em 53 segundos e Valentim Neto, n.º 3, em 56 segundos.

Pelas 10 h. e 1 m. deu-se começo à partida dos concorrentes, defronte da sede do Lusitano Futebol Clube, para a 2.ª etapa a disputar em Portalegre.

CULTURA POPULAR

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

sem dúvida nenhuma, os dois mais eficientes e mais belos meios de formação cultural desta Campanha de Educação de Adultos.

Mas se juntarmos estes dois volumes a outros da mesma colecção — uns de que já falei noutra lugar aos meus comprouvianos, como o «Natal em Portugal» de Luís Chaves, o «Romanceiro Português» de Urbano Tavares Rodrigues, o «Roteiro da Arte Portuguesa», de autor anónimo, os «Contos Populares Portugueses», de Maria José Leote Gonçalves, «A gente canta na Aldeia», de Mário Sampaio Ribeiro, «Macau, terra de lendas», de Hermengarda Marques Pinto, «Viagem maravilhosa a S. Tomé e Príncipe», de Costa Garcês, «Honra de ser Português», de António Maria Zorro e «Muitas raças, uma Nação», de António Alberto de Andrade; outros que só depois pude ler, como «Na aurora da nossa poesia», de Ester de Lemos, «Virtudes que vêm de longe», de Margarida Bastos Valente e «As ilhas maravilhosas de Cabo Verde», de José Osório de Oliveira; outros ainda que apenas estão anunciados, embora para muito breve aparecimento, como «Mestresais que ajudaram a fazer Portugal», «Cantares de todo o ano», «As nossas estátuas e imagens», «Grandes romances portugueses» e «De passeio à Beira Alta» — teremos uma ideia mais aproximada do valor cultural de que esta Colecção se reveste para a criação de uma mentalidade de verdadeiras raízes portuguesas.

E uma ideia completa e exacta ficaremos a ter, sabendo que tal Colecção não se limita ao âmbito das «Letras», das «Artes», da «História», da «Geografia», do «Folclore» e abrange muitos outros aspectos, igualmente relevantes e também primordiais do que, em sentido lato, poderemos chamar cultura portuguesa.

O artigo, porém, já vai longo; noutra oportunidade falaremos, por isso, aos nossos leitores algarvios de obras como «Os passáros», «Conservas de frutas e hortaliças», «A Floresta Portuguesa», «Rendas e bordados de Portugal», etc., que, embora talvez não pareça, têm igualmente um acentuado valor cultural.

O artigo, porém, já vai longo; noutra oportunidade falaremos, por isso, aos nossos leitores algarvios de obras como «Os passáros», «Conservas de frutas e hortaliças», «A Floresta Portuguesa», «Rendas e bordados de Portugal», etc., que, embora talvez não pareça, têm igualmente um acentuado valor cultural.

Antero Nobre

“O QUE É A UNESCO”

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

organização económica, que se especializa nas actividades de transporte, de crédito, de organização de trabalho e de segurança colectiva. O centro comercial transforma-se, desse modo, num centro político, onde os governos estabelecem as suas sedes e a vida colectiva dos povos se multiplica nas complexas actividades que traduzem o grau de civilização atingido pelas nações.

De tudo resulta, naturalmente, que as cidades são, além das sedes comerciais e políticas, os centros culturais por excelência.

E' nas capitais, com efeito, que se encontram as Universidades, as Bibliotecas, os Museus, os Teatros, as Academias, os Institutos de Investigação e todas as demais associações onde se presta culto à inteligência, a grande característica peculiar do homem.

Característico, nas vilas e nas aldeias, nas extensas regiões que se agrupam sob a designação genérica de *provincia*, a fraca densidade populacional limita a vida social ao elemental; a circunstância de não estarem localizadas nos grandes feixes de circulação divorcia-as dos fecundos movimentos de ideias, que sempre acompanham as transações em grande volume; e a vida sujeita a um trabalho rudimentar sempre igual monotoniza a actividade dos grupos, que não chegam a encontrar no colectivo a expressão das suas dores e das suas inquietações individuais.

A designação geográfico-social de *provincia* cinge-se dum modo geral às regiões de cultura agrícola, que entre nós se caracterizam pelo seu individualismo, pelos processos rudimentares de exploração e pelo afervorado conservadorismo, que dá aos seus habitantes a plena justificação do qualificativo — «provincianos».

Mas se é a história que nos ensina que são estas as diferenças fundamentais entre cidade e aldeia, entre capital e provincia, é a história também que diz dum fenómeno económico-social novo que foi introduzido no seu curso desde há cerca de um século, o qual é o industrialismo, que revolucionou a feição social dos po-

O Jardim Zoológico de Lisboa o mais belo da Europa

Novos embelezamentos

CHEGOU o verão.

Aos que forem a Lisboa recorda-se mais do que nunca que não deixem de visitar o Jardim Zoológico, sem contestação o mais belo da Europa e de há um ano para cá singularmente enriquecido com novas e soberbas instalações e um notável acréscimo de animais, vindos de Angola, Moçambique, Guiné e do Brasil, além dos adquiridos por compra ou troca na Inglaterra, Bélgica, Holanda, Alemanha e Estados Unidos.

Entre as novas instalações figuram, em primeiro lugar, o novo Solar dos Leões, com possibilidade de abrigar trinta exemplares e já alojando uma dúzia e meia de soberbos leões e leões. E' uma apresentação espectacular de grande classe.

Instalação, igualmente de notável relevo é a nova Casa do Brasil, onde perto de um milhar de aves da maravilhosa fauna brasileira constituem com os seus cantos e cores uma prodigiosa orquestração. Deve-se em grande parte às sucessivas remessas do consul de Portugal em Santos, sr. dr. Manuel Emygdio da Silva que conseguiu criar entre os portugueses residentes no Brasil uma corrente de grande entusiasmo em favor do Zoo de Lisboa e de que muito há a esperar.

O Grande Roseiral, cada vez mais florido, tem agora ao fundo uma correnteza de perto de duas dúzias de instalações para faisões.

No Palácio das Feras, ursos brancos e pretos, vindos da América nas últimas semanas, estando igualmente a jaula grande à espera de um casal de tigres, a caminho.

O lago grande dos cisnes e gai-votas, o páteo rústico, o restaurante popular da mata, a luxosa casa de chá e a esplanada do lago... que sabemos mais? as outras muitas dezenas de entretenimentos e motivos aliciantes de atracção e beleza que só vendo se enumeram e se descrevem.

Visitar o Parque das Laranjeiras — hoje o mais belo Zoo da Europa — é ver em Lisboa o que a cidade lhe oferece de mais bonito, de mais aprazível e de mais recreativo.

vos e que tem levado a sua influência até aos lugares mais recônditos do globo.

Com efeito, a multiplicidade quase infinita que a máquina veio trazer à produção obriga os agentes produtores a uma busca afanosa de mercados para a colocação dos seus produtos. O industrialismo não pode respeitar as fronteiras que dividem as nações, e quando os povos de civilização branca esgotaram as suas possibilidades de compra, foram os países que se designam de *atrazados* inundados pela super-produção. Unificaram-se as civilizações, o mundo encaminha-se para a unidade.

Neste apelo intenso, incessante, dramático, a todo o poder de compra, as diferenças sociais clássicas desvaneceram-se e o conceito de democracia generalizou-se e ampliou-se. Com a chamada ao poder de compra veio o direito ao voto, que depois subsistiu, mesmo quando o poder de compra se esgotou para as camadas mais amplas da sociedade.

Por outro lado, a própria técnica propiciou as novas vias de transmissão do pensamento e da informação, como o livro, o jornal, o rádio, o cinema, etc., sendo por elas abolidas as barreiras naturais e vencidas as distâncias mais longínquas.

Os pequenos grupos sociais venceram a sua natural limitação — o isolamento. O indivíduo, mesmo fechado em sua casa, pode, estar em contacto com os grandes acontecimentos do mundo e através do livro pode ter à sua mão o somatório dos conhecimentos humanos e as mais belas produções dos maiores valores literários.

A técnica aproximou dos homens as grandes possibilidades para a sua libertação. E' necessário agora que o homem amolde a vida pública ao pleno usufruto das facilidades de que dispõe. E que saiba orientar-se na tormenta que o tem deixado perplexo. A desintegração do átomo tanto pode ser o limiar da idade do ouro da humanidade, como pode ser a sua tumba.

O antagonismo entre cidade e provincia deve dar lugar a uma tendência de complementaridade. Naturalmente que a cidade continuará a ser, pelo grau mais elevado da sua vida social, o centro por excelência da cultura. Não um centro que se feche sobre si, orgulhoso e egoísta, ignorando os milhões de indivíduos que se dispersam pelas provincias, mas um centro aglutinador, que anime a antiga gente provinciana a atingir a sua maioridade intelectual.

Onde está um homem, onde quer que esteja, está um valor. A sociedade não pode, sem se condenar a si própria, desprezar o indivíduo. Valorizá-lo, dar-lhe plena consciência de si, integrá-lo nos elevados ideais humanos, é o sentido próprio do humanismo.

A extensão cultural está, desse modo, em plena actividade. A cidade é, por si só, um campo ilimitado para a difusão da cultura. Nas vilas, nas aldeias, nas pequenas cidades provincianas, o homem é também um ser pensante e o seu espírito exige alimento. Aí também é Portugal.

A UNESCO é a grande realidade internacional dos nossos dias, que empreendeu a cruzada da extensão cultural. Chamar à civilização os povos mais distanciados, atrair à cultura as camadas menos afortunadas. Dar aos homens a alegria de viver e um sentido humano à existência.

Com o nome daquela organização internacional, ou com o de mais modestas organizações nacionais — essa é uma das tarefas que incumbem à nossa geração. Nessa cruzada não são os governos só que têm tarefas a cumprir. Os intelectuais, escritores, artistas, professores, os editores e livreiros, os párocos, os médicos e as juntas de freguesia, todos são poucos para a grande empresa do humanismo contemporâneo.

E se os nossos intelectuais bem compreenderem o sentido da actualidade, poderá ser — e deverá ser — que perca o sentido aquele queixume do nosso Antero de Quental — já lá vai um século! — quando se lamentava de que «os nossos escritores parece falam-se mais entre si do que com o povo.»

José dos Santos Marques

Assinala e propaga! «Notícias do Algarve»

CASA DOS GESTOS, LDA.
 Avenida Duque d'Avila, 8-B (ao Arco do Cego)
 TELEFONE 458.33
LISBOA

Mobiliás de verga «Ilha», Móveis de junco c/ armação em ferro, Estores de tabuinhas e de vime «contra-moscas», Alcofas e suportes para bebés, Cadeiras-maples e bancos de lona, Cadeiras e bancos de ferro com lona, Carpetes, Tapetes e Capachos, Passadeiras, Esteiras, Mantas-assentos e capachos para automóveis,
 — Cestos para todos os fins, etc., etc. —

Pelo Dr. CRUZ MALFIQUE

SEGUIR A NATUREZA

Corre a água da fonte para o prado, a das goteiras para o chão, a agulha para o Norte, a chama para as alturas, a onda para a praia, o rio para a foz, o paladar para os sabores, o ouvido para os sons, o nariz para os cheiros... Tudo corre ao seu destino e, na medida em que alcança o seu alvo, daí tira satisfação.

Satisfação perene? That is another history, como dizia Kipling. Parece, à primeira vista, que, por seguirmos sempre a natureza, estamos no bom caminho. E não é verdade. A natureza, aqui e além, é má conselheira. Péssima conselheira. E quem quiser prazeres perenes (da perenidade muito relativa que é consentida ao homem) deve seguir precisamente au rebours da natureza.

A educação humana é, mesmo, em muitos casos, guerra sem tréguas à natureza — à má natureza que em todos nós se aninha, como se fora uma espécie de sobrevivência do pecado original.

O «SIM» E O «NÃO»

A precipitação de um sim ou a levandade de um não constituem, em muitos casos, o rastilho das maiores desinteligências e o ponto de partida para as mais amargas decepções. Um sim e um não devem concentrar, na sua pequena monossilábica, um grande fundo de meditação, de ponderação de prós e contras. Se forem filhos da impulsividade periférica, é certo e sabido que, geralmente, nos conduzem à dolorosa estação do arrependimento. A não ser que, por teimosia, persistamos num sim ou não que nunca nos devia ter saído da boca. E Deus nos livre da coerência forçada de não quereremos dar o dito por não dito, só para que não nos acotem de catavenios que, no mesmo dia, marcamos o norte e o sul. Coerência só vale aquela que é filha da reflexão em profundidade. O mais é paisagem.

FILHOS DO CORPO E

FILHOS DO ESPÍRITO

Temos amor aos filhos do nosso sangue, como temos amor aos filhos do nosso espírito. Natural e humano que assim seja. Nos filhos do nosso sangue, a nossa cegueira de pais não nos deixa ver defeitos que são evidentes para estranhos. Os próprios defeitos de nossos filhos nós os transmitimos, por uma especial alquimia afectiva, em qualidades.

Assim com os filhos do corpo, assim com os filhos do espírito. Tomamos uma resolução? Pois muito bem: nessa resolução, tudo se nos afigura perfeito e, quando levados pelo espírito crítico, nela descobrimos seus fracços, até mesmo então o nosso amor próprio acaba por dissimular os fracços e, de transigência em transigência, acabamos por transformar o defeito em virtude. Facile credimus quod volumus. Se ao nosso querer o afecta o sinal +, no arguente vemos um cavaleiro. Se o afecta o sinal -, a branca pomba a figuramos como negro corvo. Beijamos damas no que satisfas as nossas vaidadezinhas. Coices reservamos para aquilo que nos desce do pedestal em que a nossa toleima nos colocou.

Uma resolução é filha do nosso espírito. E aos nossos filhos queremos como às meninas dos nossos olhos.

CONTINUIDADE DE ACÇÃO

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

zadoras que lhe dão uma pujança, uma juventude e uma actualidade que, podendo apontar-se como exemplo para o mundo, que o admira, se traduz em justo motivo de orgulho para os portugueses, que lhe rendem sincero preito de gratidão.

APARELHOS DE RÁDIO

Marcas BUSH e TE-KA-DÉ

Uma maravilha da técnica — Inglesa e Alemã —

Visite e consulte a

Agência Comercial e Marítima do Sul

— Telefone 76 —

Vila Real de Sto. António

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

Director

João A. Dias Pena

Editor e Proprietário

Armando R. Cruz

CARTA DE LONGE CRÔNICAS DO TEMPO MORTO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

manifesta, sempre, com van-tagem para o desenvolvi-mento desta provincia ul-tramarina.

Quanto ao comércio nacional e estrangeiro, há a salientar três ou quatro firmas comerciais, pelos seus capi-tais e volume dos seus ne-gócios.

As restrições impostas pela América ao comércio com a China comunista têm sido a causa da situa-ção precária de Macau. E, assim, nem como entreposto de ligação pode ser uti-lizada.

Macau, que durante a úl-tima grande guerra disfru-tou uma situação privile-giada, como o único refúgio aberto a todos aqueles que quiseram salvar as suas vi-das e os seus averes, aumen-tando a sua população em cerca de quinhentos mil ha-bitantes, viu-se privada dos grandes capitalistas, que re-gressaram a Hong-Kong logo que aquela colónia recu-perou a sua nacionalidade.

Houve quem tivesse a ilusão de que, terminada a guerra, muitos capitalistas aqui se fixariam, empregan-do os seus capitais no de-senvolvimento da terra que lhes deu abrigo. Mas tudo isso não passou de mera fantasia, como se verificou logo que Hong-Kong se re-compôs, quase, pode dizer-se, vertiginosamente, dan-do o governo daquela colónia, todas as facilidades àqueles que quisessem re-començar, ou mesmo come-çar, a empregar as suas actividades.

Em Macau o que se fez para que esses capitalistas, ou pelo menos alguns, aqui se estabelecessem? Nada que desse resultado. Foram tantas as dificuldades que encontraram todos aqueles que ainda julgaram possí-vel o estabelecimento de qualquer indústria, que acabaram por optar por Hong-Kong, onde foram muito bem recebidos, e ali assen-taram arraiais.

De então para cá, Macau tem oscilado entre as suas receitas próprias e outras de ocasião, sem estabeleci-da, vivendo uma vida, mais ou menos fictícia, agravada pela actual situação. Mas como estamos na China, por assim dizer, e onde há chineses há progresso, Ma-cau, sem as peias do em-bargo americano e num re-gime de facilidades ao com-ércio e à industria, sem exclusivismos, ainda pode re-erguer-se nos velhos alicer-ces do seu passado de opu-lência e prosperidade. Mas tudo depende, principal-mente, de qualquer altera-ção que venha a dar-se na politica do Extremo-Oriente.

Se bem que com um orçamento mais ou menos apertado, Macau não vive em regime deficitário, e al-gum progresso se verifica na sua administração, pelo menos, em obras do plano do fomento.

E' uma cidade agradável, e o seu aspecto, sem gran-diosidades, é simplesmente belo, não deixando de mos-trar, à evidência, a sua qualidade de cidade portu-guesa de quatrocentos anos de existência. Os seus mo-numentos históricos mar-cam bem um passado que se impõe e deixou rastros luminosos na história des-tas longínquas paragens.

A vida em Macau contin-uava festiva e sem preocu-pações. Todos os receios que possam acompanhar aqueles que aqui são colo-cados, seja em que situação for, são desvanecidos por uma influência estranha, poucos dias depois de cá chegarem. Quanto aos que aqui nasceram ou aqui vi-vem há muitos anos, é tal a confiança na boa estrela de Macau, que esperam ter-mine sempre bem qualquer desavença ou mal-entendi-do com os vizinhos. E tão arreigada está esta crença nos habitantes da Cidade do Santo Nome de Deus, que a vida decorre despreo-cupada e sem receios.

Como é natural, também há quem lute com dificul-dades; quem viva em gran-de miséria, especialmente entre a população chinesa, porque os pobres na China são tantos que Macau não chegaria para os albergar.

OS DESCOBRIMENTOS MARÍTIMOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Os navegantes todos divisaram ao longe o mar com uma cor diferente, e recendo que fossem cachopos, acautelaram os seus navios. Um marinheiro experi-mentado levou desta água à boca e achou-a doce.

Em conjunto, saltaram um grito de alegria: Sânga, o Senegal, o Nilo, que, pela força da sua tor-rente, irrompia pelo mar dentro! Vicente Dias e Estêvão Afonso e mais oito homens saltaram para um batel e seguíam rio acima, sal-tando em terra.

Os antigos supunham que o rio Nilo nascia no Atlas, dividindo-se depois em diferentes braços, cor-rendo um para o Egipto, outro para o Ocidente, a que davam o nome de Nilo dos Negros. Con-fundiam ainda com estes dois rios um terceiro, que era o Ni-ger, o qual, nascendo no interior da Serra Leoa, banha Tombucti, e, depois de descrever uma aper-tada curva, se lança no Atlântico, na costa de Benin.

Proseguindo na sua viagem, chegaram ao Cabo Verde, desco-berto por Dinis Dias, e, desem-barcando nas pequenas ilhas jun-to dele, puseram-lhe o nome de ilhas de Madalena. Numa das suas árvores acharam entalhadas as armas do infante, sinal certo de que já outros navegadores lhes tinham ganho a dianteira.

Os navegadores que os antecederam pertenciam à caravela de Álvaro Fernandes, sobrinho de João Gonçalves Zarco, do Funchal.

Toda a companhia desistiu de chegar ao Paraíso Terreal, que ficava lá para os Cabos da Oceânia, senão no outro mundo, regressando a Lagos cheios de desânimo.

Em virtude de ordens recebidas de seu tio, Álvaro Fernandes, sem parar em terra dos Azenegues, passou o rio Senegal, encheu duas pipas de água, de que trouxe uma a Portugal. Dobrou o Cabo Ver-de e chegou a uma ilha, onde en-controu muitas cabras mansas. A ilha chamou-se Bizigüiche e hoje tem o nome de Gória.

No entanto, muito se tem feito em beneficio da po-breza, a favor dos despro-tegidos da sorte, se bem que o problema da miséria, por estas paragens, não tenha solução.

Como em toda a parte onde ainda se cultivam fortunas, Macau tem tam-bém os seus magnates, que são — pode afirmar-se — os que do que ainda há tiram o melhor proveito; masca-rando, é claro, a sua ganân-cia com actos de filantropia e caridade. Mas o sistema é já velho, e Macau não é mais do que um reflexo do que vai por esse mundo fora.

Se à Cidade do Santo Nome de Deus se podem atribuir algumas virtudes, não podemos deixar de lhe reconhecer os pecados, por-que não há formosa sem senão.

J. de Carvalho e Rêgo

parando os botes em que haviam partido.

Para maior desventura, não havia entre os que não morreram quem soubesse governar um bar-co... Um grumete, com quem contavam, declarou-se inábil para tal serviço, valendo-lhe um moço de Olivença que, enchendo-se de coragem, resolveu-se a tomar o leme, navegando a Deus e à aventura, sem nunca se aproximar da terra. Passados muitos dias, sem saber por onde andavam, encon-traram um corsário da Galiza, que lhes disse estarem na altura de Sines.

Deste porto dirigiu-se a Lagos, aonde foi levar a triste notícia ao infante, que ficou muito pesaroso com a desgraça sucedida a tão glorioso navegador.

O rio onde teve lugar tão lamentável acontecimento recebeu, em homenagem à memória do ilustre homem do mar, o nome de rio Nuno, e ainda hoje é conheci-do pelo nome de rio Nuñez.

Depois do desastre de Nuno Tristão, Álvaro Fernandes fez-se de novo ao mar, sempre na ânsia de fazer novas descobertas; pas-sou diante de Cabo Verde e en-trou num rio a que uns ficaram chamando rio de Lagos e outros rio Tabite.

Teve várias escaramuças com os negros, e como Nuno Tristão, foi ferido com uma seta envene-nada. Mas Álvaro Fernandes ia prevenido com contra-venenos e tratou logo de empregar um tratamento energético, que o salvou.

Proseguindo a viagem, chegou a uma enseada a 110 léguas ao Sul de Cabo Verde. Contente de haver chegado tão longe, voltou para Lagos, persuadido de que D. Henrique o estaria também, e assim sucedeu.

Em 1446, estava descoberta e explorada toda a Senegâmbia; a Guiné e o Arquipélago de Cabo Verde já foram visitados em grande parte e o audacioso Álvaro Fernandes chegou à Serra Leoa.

Neste mesmo ano, atingiu o rei Afonso V os catorze anos para governar, e D. Pedro, vendo-se fora do Governo, começou a organizar um exército, em Coimbra, para vir a Lisboa defender-se perante seu sobrinho das grandes calúnias de que se via atingido pelos seus inimigos políticos.

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

pre raras ocasiões, generosamen-te eu devolvia à liberdade essas avezitas que me caíam nas costi-lhas, nesses tempos de infância libertina e vagabunda em que eu calcurreava a gleba. Pois a presen-ça desse rosto, assustado, dum homem que eu mal conhecia, su-geria-me a mesma inquietação, o mesmo sofrimento que adivinhava no pequeno punhado de penas que me aqueciam as mãos. Sim-plemente, única diferença, o ho-mem não me transmitia calor.

Um dia, certamente por curio-sidade, procurei saber da história daquele homem. Verifiquei, en-tão, que nem história possuía. Reservado, fugindo a todo o con-vívio, iludindo todas as observa-ções, o homem recusa expor-se à curiosidade dos estranhos. Ra-ramente falava, mas, em compen-sação, devia saber ouvir. Os seus braços, as mãos longas e nervo-sas agitavam-se na nossa frente como asas. E no perfil agudo de pássaro, nos olhos vivos e pen-etrantes, reflectia-se a inquietação de todos os momentos. A minha história? E acompanhava estas palayras com um sorriso desde-nhoso. Mas qual de nós pode afiançar que possui a sua história, com princípio e fim, capítulos bem delineados e episódios defi-nidos, quantos de nós, o meu caríssimo amigo, podemos garan-tir que possuímos essa história? Se para uma vida basta nascer e morrer, duas fatalidades biológi-cas que fogem à nossa própria vontade, como podemos falar da história da nossa vida?

Mais tarde, baldados todos os esforços, vencidas todas as minhas tentativas para penetrar na alma dum homem que se recusava firmemente a expor-se à heresia da curiosidade dos outros, eu compre-endi todo o significado da sua atitude fechada, dos cuidados ex-tremos, quase histéricos, em ocul-tar uma vida frustrada, dada atra-vés do agitar dos braços, dos gritos que sufocava na garganta, dos gestos que nem sequer esbo-çava, pois morriam no acto do pensamento. Por isso, ele me disse que a sua vida não tinha história. Recordava-se vagamente dos tempos de meninice, uma infância igual à dos outros, que não merecia a mais pequena referên-cia. Sarampo, brotojea, duas ou tres fortes gripes, curadas com sinapismos, depois a vida enfa-donha no colégio, a aprendizagem de coisas aborrecidas, fastidiosas, incriveis. Na minha frente, os braços estendidos, as mãos in-quietas dir-se-iam asas a baterem nervosamente.

— Em toda a vida humana existe o princípio e fim, nascimento e morte. Há quem se satisfaça com isto; melhor, há os que, de qual-quer forma, preenchem o largo espaço que separa esses dois ex-tremos. Confesso; nunca conse-gui preencher esse vazio. E' claro, fiquei-me sempre pelas tenta-tivas, pelos gestos esboçados e tudo na minha vida permaneceu incharacterístico, indefinido. Sou como uma espécie de andrógino em que o sexo dificilmente se de-termina. Por isso, eu sou dos que não têm história. Nem erros de vulto, nem vitórias ostensivas, tu-do isso que é necessário para fazer uma biografia. Mas nem sequer fui um bom espectador, pois o meu próprio drama absorveu todos os momentos da minha vida. Verdadeiramente, nunca me interessei por outros. E sem ter história não deixei de ter o meu drama, um drama que permaneceu no sub solo, tal como os gritos que desejei gritar e se violenta-

EXCEDEU 36.000 CONTOS

o valor do pescado

vendido na nossa lota desde Abril

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

xes, com o peso de 725.057 kgs., vendidos aqui pelo valor total de 5.015.287\$75.

Todos estes valores per-fazem a importante cifra de 36.098.521\$25, o que é um índice excelente para se avaliar o contributo deste porto de pesca para a econ-omia nacional, justifican-do-se, assim, plenamente, a valorização que os pomba-linos pretendem dos meios de aumentar a riqueza nacional e o bem-estar das nossas populações, com os melhoramentos que estão em vias de execução e outros já solicitados.

Sousa Nunes

ram na garganta. Você sabe, to-do o conflito exige a presença de elementos contrários. Esquivan-do-me à luta aberta, ou por egois-mo ou por qualquer outra razão, encontrei na minha personalidade todas as condições para erguer um drama onde todas as peças es-tavam no seu devido lugar e não faltava sequer o acicate do in-teresse.

Um vago sorriso nos lábios, ofegante, cansado, continuava a agitar os braços, e eu novamente colhi a sensação de que na minha frente estava um pássaro a bater as asas, um pássaro a lutar contra os aros duma gaiola, lutando ain-da para contrariar o destino. A angústia dominava todo o seu rosto, uma angústia desenhada nas faces, mergulhada na luz som-bria dos olhos, visível no caden-ciar dos braços. E sem ousar interrompê-lo, na impossibilidade de encontrar as palavras necessá-rias e convenientes, eu deixei-o sangrar ali, na minha frente, deixei que o sangue ou vermina es-corresse livre, sem preconceitos, sem vergonha.

«Os homens observam apenas a superfície das coisas, raros des-cem ao cerne da natureza huma-na. Explicar o homem únicamen-te pelos seus actos é trabalho que não exige qualquer superioridade ou grandes qualidades de análise. Em épocas de vida nor-mal, talvez possamos, compulsan-do os actos dos homens, chegarmos a uma conclusão. Mas você sabe, nós vivemos numa época desgraçada, única, e todos nós somos homens mais ou menos es-tropiados. Muitas vezes o que conta não é o acto realizado, mas antes o que ficou em potência, o que se pensou realizar, o que nunca se conseguiu ou já se con-segue completar. Mas raros se preocupam em descer a esses pormenores. Basta-lhes os 160 centímetros e tal de estatura, a cor dos olhos e dos cabelos, e julgam que têm um homem inte-ro na sua frente. Engano! Tem apenas uma ficha, uma ficha que poderá ser útil ao médico ou à polícia, mas que nada adianta no estudo do homem. Outros preocu-pam-se com bagatelas, vascul-ham a vida particular, a marca dos cigarros que fuma, as mul-heres que amou ou deixou de amar, os livros que lê, as manias mais ostensivas, e acabam por vangloriar-se do conhecimento perfeito do homem. Como se qualquer indivíduo, do mais simples ao mais complicado, se despiesse completa-mente, de bom grado, na praça pública! E depois, mesmo que ousasse despir-se, acredita V. que estava senhor da posse do homem inteiro o ficava inteiramente a conhecer. Quantas vezes o essencial fica nas quatro paredes dum quarto. Claro, que o mundo em nada se preocupa com isso, nem ao mundo vem grande mal pelo que se passa nessas quatro paredes. E' certo, para o mundo as exterioridades é que importam, salvo nessas trágicas épocas em que se busca desparafusar todas as peças dos sentimentos e ideias do homem. Mas o homem, meu caro, nem sempre está nas exterioridades e essas manifestações quase sempre são puras falsifica-ções dos seus pensamentos e dos seus actos. Hoje, todo o homem sofre dessa duplicidade. Uns atribuem isso à hipocrisia, são os moralistas; outros, mais observado-res e penetrantes, reputam o facto como uma necessidade da própria defesa do homem. Fixe esta coisa: buscar o homem no acon-tencimento é uma ousadia em que só os fátuos e néscios ainda acre-ditam. Todos nós, homens, som-os mais ou menos produtos go-rados, mal conseguimos romper a casca e já o mundo nos corrom-pe. Pois, é como lhe digo, na minha vida não há história. Entre o nascimento e a morte de todo o bicho humano, existe um grande espaço em branco para encher de qualquer maneira. Eu deixei-o vazio, um grande vazio, palco abandonado, onde me entretive a fazer gestos inconscien-tes e a esboçar gritos que nin-guém ouviu. Quanto ao nasci-mento e morte, princípio e fim, não são da minha responsabili-da-de, nem tenho queixas a formular.»

Sorriu-se, agitou as mãos nervosas, depois, em decisão frouxa, caminhou, o corpo ligeiramente curvado, e eu fiquei por momen-to a vê-lo, a olhar os braços caí-dos ao longo do corpo, as mãos esguias e moles, naqueles movi-mentos frenéticos como se buscassem um ponto de apoio — e tudo, tudo me dava a sensação dum tu-multuar de asas num último es-forço para contrariar o destino.

Rodrigues Pena

Visado pela Comissão de Censura